



SENADO FEDERAL
SENADOR JARBAS VASCONCELOS

ULYSSES VIVE!

Sessão Especial do Senado Federal em homenagem ao
Deputado Ulysses Guimarães, em 4 de outubro de 2007,
por iniciativa do Senador Jarbas Vasconcelos (PMDB/PE).



SENADO FEDERAL
SENADOR JARBAS VASCONCELOS

ULYSSES VIVE!

OUTUBRO – 2007



SENADO FEDERAL
SENADOR JARBAS VASCONCELOS

“Doutor Ulysses vive na batalha diária que
travamos para tornar este País um lugar melhor
para se viver”

Senador JARBAS VASCONCELOS,
em 4 de Outubro de 2007

BRASÍLIA – 2007

Discurso do Senador Jarbas Vasconcelos em homenagem ao Deputado Federal Ulysses Guimarães, em 4 de Outubro de 2007.

Senhor Presidente, Senhoras Senadoras, Senhores Senadores,

O cidadão que vou homenagear hoje é um modelo de comportamento para todos nós. Alguém que faz falta nesta hora, em que os valores da política no Brasil andam tão desgastados, tão ameaçados pela exuberância da mediocridade, nesta hora em que os pretensos fins de trabalhar pelo povo justificam os meios mais abjetos.

Falo de Ulysses da Silveira Guimarães, que se ainda estivesse entre nós completaria 91 anos no próximo sábado. Quis o destino, no entanto, que ele desaparecesse no dia 12 de outubro de 1992, portanto há quase uma década e meia.

São datas que temos a obrigação cívica de jamais deixar passar em branco, sob pena de cair no esquecimento, de virar mera nota de rodapé nos livros de História.

Não vou entrar em detalhes da vida de Doutor Ulysses, mas apenas abordar alguns pontos da sua longa trajetória, alguns aspectos essenciais para quem pretende compreender o Brasil de hoje e também vislumbrar o Brasil que queremos para o futuro.

Discordo de todos – homens públicos ou não – que não têm dimensão da história e deliberadamente não reconhecem o esforço e o trabalho dos que lhe antecederam, daqueles responsáveis pelo legado do qual nos beneficiamos hoje.

Doutor Ulysses foi um dos arquitetos deste Brasil democrático que aí está, do qual vejo tantos se vangloriarem tendo feito tão pouco.

Sinceramente, sem menosprezar a história e a contribuição do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, rejeito e considero uma arrogância sem precedentes, a expressão tão repetida por ele de que *“nunca se fez tanto, antes, na história desse país”*. Faço este contraponto para reforçar o que foi a figura emblemática de Ulysses da Silveira Guimarães.

Em política, como na vida, figuras com poder de aglutinação e dignidade fazem a diferença. E esse papel foi exercido com excelência e vigorosa altivez por Ulysses Guimarães, no combate ao autoritarismo, na luta diuturna contra o regime de exceção. Um homem com atitude moral imponente, com firmeza de caráter e princípios de comportamento, que nos inspiram até hoje, num idealismo que recheava sua personalidade de uma generosidade política quase romântica.

Sem Ulysses, não teríamos obtido êxito em resgatar a democracia das trevas da ditadura.

Sem Ulysses, o MDB não teria estabelecido com tanta perfeição sua sintonia com a sociedade brasileira, tão aviltada que estava pelos abusos do regime autoritário.

Doutor Ulysses vive, Senhoras e Senhores Senadores.

Doutor Ulysses vive na batalha diária que travamos para tornar este País um lugar melhor para se viver.

Doutor Ulysses vive na determinação de enfrentar o governante de plantão, sem temer o poderio do

adversário, sem se intimidar com as manobras típicas da arrogância e da prepotência.

Doutor Ulysses vive na esperança de que o homem não se corrompa pelo poder, que não transforme em verdade a máxima de que os fins justificam os meios.

Doutor Ulysses vive, ainda, na crença de que não se deve responsabilizar os outros por seus próprios erros.

Não estamos falando de um ingênuo político, mas de alguém que confiava nas pessoas, sem talvez dimensionar a capacidade de desfaçatez dos oportunistas.

Essa paixão liberal o levou a acreditar que a Constituição de 1988 criaria todos os instrumentos necessários para varrer da face da Nação Brasileira as cicatrizes profundas do autoritarismo, da exclusão e das injustiças seculares.

A chamada Constituição Cidadã, batizada assim por seu Presidente Ulysses Guimarães, estabeleceu as condições para a estabilidade política, que gerou a estabilidade econômica e permitiu que o Brasil não mais vislumbre ameaças ao seu sistema político – apesar dos sonhos “chavistas” de alguns segmentos da política nacional.

Bem argumentou Doutor Ulysses, em 27 de julho de 1988: *“A Constituição, com as correções que faremos, será a guardiã da governabilidade”*.

Um otimista entusiasmado? Talvez. Mas um homem que amava o Brasil e o seu povo.

Se a Carta de 88 é imperfeita, é natural, até compreensível; como não é perfeita a nossa sociedade;

como não é justa nossa distribuição de renda, entre regiões, entre Estados, entre municípios, sequer entre pequenas comunidades. O combate diuturno à injustiça social movia o otimismo do Doutor Ulysses.

Muito ainda precisa ser feito e para que isso ocorra com sucesso precisamos absorver os princípios que levaram Ulysses Guimarães e outros líderes políticos a romper com o regime instalado no País em 1º. de abril de 1964, eles que, no primeiro momento, apoiaram o movimento liderado pelos militares.

Ao perceberem, Senhoras Senadoras, Senhores Senadores, que o País caminhava para uma ditadura, tiveram a coragem cívica de procurar o caminho da oposição, estabelecendo, por meio do Movimento Democrático Brasileiro, o MDB, as bases para que a democracia voltasse.

Sob a liderança de Ulysses, o MDB se recusou a ser o partido do “sim, senhor”. Os emedebistas firmaram o “não, senhor”, como disse aqui num discurso anterior – ao abordar o papel da atual oposição – deixando claro que as coisas não funcionariam como o regime de exceção pretendia.

Ulysses e o MDB foram a pedra na botina da ditadura. O MDB se transformou no canal legítimo de representação dos anseios populares.

Ao optar por este caminho, as críticas vieram de ambos os lados. Daqueles que respaldaram a escalada do autoritarismo. Questionamentos também surgiram daqueles que achavam melhor recorrer à luta armada, sem dimensionar o inimigo que enfrentavam.

No papel de oposição democrática em pleno autoritarismo, o MDB cumpriu a sua missão, denunciando os ataques às liberdades civis, aos direitos

fundamentais do homem – expondo a ditadura às contradições e fragilidades do regime. E essa luta tem na figura do Doutor Ulysses Guimarães a imagem que ficará na história, quer em discursos duros na Câmara dos Deputados ou nos palanques por este País afora, quer enfrentando cães como na campanha como antecandidato à Presidência da República, em 1973.

Doutor Ulysses para os próximos; Senhor Diretas para os milhares de brasileiros que o identificaram com a luta para trazer a democracia de volta ao País. Que homem público do Brasil de hoje pode fazer jus à nobreza e à autoridade de Ulysses, que o distinguiram dos demais, ao ser chamado de Doutor, de Senhor, sem o sintoma de arrogância e prepotência?

Doutor Ulysses, como respeitosamente o chamava, é um fenômeno da política brasileira no século 20, pois conseguiu atingir a dimensão de mito; obteve um prestígio singular e uma respeitabilidade venerável sem exercer sequer um mandato Executivo. Talvez tenha paralelo apenas na figura de Ruy Barbosa, em retidão e ausência de experiência no exercício do Poder Executivo.

Ulysses Guimarães faz falta ao Brasil de hoje, especialmente nestes tempos em que a banalidade e a pequenez surgem como uma nuvem negra sobre a política nacional.

Nestes tempos em que o cinismo e a insolência ameaçam o exercício nobre da política.

Nestes tempos em que a descrença da sociedade assume proporções alarmantes, pondo em risco a própria crença na democracia, que lutamos tanto para restabelecer.

Certa vez, Doutor Ulysses afirmou, abre aspas: *“A grande força da democracia é se confessar falível, de imperfeição e impureza, o que não acontece com os sistemas totalitários, que se autopromovem perfeitos e oniscientes para que sejam irresponsáveis e onipotentes”*.

Como arauto da liberdade, ele sabia que o sistema democrático não é perfeito, mas o homem ainda não criou algo melhor para substituí-lo. Democracia é o governo da maioria, mas suas regras visam respeitar e defender os direitos e a livre expressão das minorias.

Relembrar a figura de Ulysses Guimarães é fazer uma ode, um elogio ao exercício da Política, com letra maiúscula, é destacar o que a democracia tem de melhor.

Relembrar Ulysses é estabelecer um núcleo de resistência aos devaneios de quem quer aproveitar as aberturas democráticas para se perpetuar no poder. Bem disse ele ao afirmar que *“a estátua dos estadistas não é forjada pelo varejo da rotina ou pela fisiologia do cotidiano”*.

Em discurso pronunciado em 11 de setembro de 1973, durante a 6ª. Convenção Nacional do MDB, quando assumiu sua anticandidatura à Presidência da República, Doutor Ulysses falou algo que se encaixa com formidável perfeição no atual momento brasileiro: *“A oposição dá ao Governo a mais alta, leal e eficiente das colaborações, a crítica e a fiscalização. A oposição oferece ao Governo o único caminho que conduz à verdade, a controvérsia, o diálogo, o debate, a independência para dizer sim ao bem e a coragem para dizer não ao mal”*.

Hoje, às vésperas dos 15 anos do desaparecimento de Ulysses Guimarães, devo admitir que virar Governo fez mal ao PMDB, fez mal ao seu maior líder. E verdade seja dita, da redemocratização até hoje o PMDB sempre chegou ao poder federal por “porta de travessa”, como diz a sabedoria popular.

O outrora aguerrido MDB de Ulysses, de Egídio Ferreira Lima, de Alencar Furtado, de Lisâneas Maciel, de Mário Covas, de Freitas Nobre e de Teotônio Vilela se transformou hoje num mero satélite, numa sublegenda do Partido dos Trabalhadores.

Logo o PT que no segundo turno das eleições presidenciais de 1989 rejeitou o apoio do Doutor Ulysses. Já naquela época, o nobre Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ensaiava o “nada sei, nada vi”, pois posteriormente afirmou que o PT agiu equivocadamente, quando menosprezou o fato de Dr. Ulysses anunciar que votaria contra Fernando Collor. Sim, foi um erro, Senhor Presidente, mas era um mero indicativo da postura que adotaria, ao chegar à Presidência da República.

De certa forma, Dr. Ulysses pagou um preço por sua combatividade e apaixonada intransigência. Derrotada a Emenda Dante de Oliveira, que previa eleição direta para a Presidência da República, o Sr. Diretas perdeu a chance de ser o primeiro Presidente civil do País pós-golpe militar de 1964 escolhido pelo povo. No Colégio Eleitoral, nos acordos de bastidores, Dr. Ulysses não tinha nenhuma chance.

Por uma dessas ironias da política, Dr. Ulysses terminou incorporando o desgaste do PMDB no Governo Federal, nos Governos Estaduais – mesmo sem ter

exercido o cargo de Presidente da República ou de Governador.

Sr^{as} e Srs. Senadores, em 1996, o ainda presidenciável Lula afirmou que Dr. Ulysses era conservador, que não era moderno. Ironicamente, onze anos depois, o Governo Lula é considerado – claro que a contragosto – um exemplo mundial de conservadorismo econômico e mantém uma relação bastante “moderna” com as forças políticas da sua base no Congresso Nacional.

Tamanha modernidade atendeu pelo nome de mensalão. As votações no Congresso Nacional estão-se transformando num vergonhoso e repugnante “balcão”, no qual o Parlamentar vota com a proposta do Governo e logo recebe a liberação de verbas públicas.

Com certeza, Dr. Ulysses rejeitaria esse “bom exemplo”.

Quis o destino que Ulysses Guimarães nunca tivesse o privilégio de governar os brasileiros, mas a sua imagem continua forte e presente. Para aqueles que conviveram com ele é essencial manter viva a chama acesa, há mais de 40 anos, quando, ao lado de um grupo pequeno e diversificado de lideranças políticas, reorganizou a oposição e impediu que a ditadura militar calasse a voz do Parlamento.

Sr^{as} e Srs. Senadores, falar de Ulysses Guimarães é reverenciar também o papel dos Deputados e dos Senadores, que poucas vezes se viram tão desgastados perante a sociedade. O nosso compromisso verdadeiro com a opinião pública, com os nossos eleitores, que também são contribuintes e usuários do serviço público, não se encerra no resultado das urnas.

Enganam-se aqueles que ignoram e até menosprezam o papel da imprensa, da opinião pública, que se expressa, cada vez mais, por meio das novas tecnologias, em especial da Internet, instrumento democrático que começa a mudar a face da relação entre o político e o eleitor.

Essa pressão, Sr^{as} e Srs. Senadores, é essencial, quando vemos diversos agentes do movimento social completamente inertes, omissos, cooptados por generosas contribuições do Governo Federal, por meio de recursos públicos e espaços de poder.

O Sr. Marconi Perillo (PSDB – GO) – Senador Jarbas, quando for possível, gostaria de apartear V. Ex^a.

O SR. JARBAS VASCONCELOS (PMDB – PE) – Concederei ao Senador Eduardo Suplicy, que pediu primeiro, em seguida, com muita honra, ouço V. Ex^a. Pois não, nobre Senador Suplicy.

O Sr. Eduardo Suplicy (Bloco/PT – SP) – Senador Jarbas Vasconcelos, eu havia me inscrito para falar, mas acredito que melhor homenagem eu farei no diálogo com V. Ex^a, em seu extraordinário discurso, que nos lembra a figura notável de Ulysses Guimarães. Quero dizer que para mim ele foi como um professor, quando, em 1976, 1977, 1978, me disseram: Olha, defenda suas idéias no parlamento, essas que você está escrevendo na imprensa. Então procurei algumas pessoas para perguntar o que era ser um parlamentar, um deputado, e dentre as principais pessoas com quem conversei estavam Franco Montoro, Fernando Henrique

e Ulysses Guimarães. Eu até disse a ele que estava pensando o que seria melhor, se começar por Deputado Estadual ou Deputado Federal. E ele me disse: – Olha, você como economista, é melhor ir já para ser deputado federal. Mas, por algumas circunstâncias, preferi começar lá na Assembléia Legislativa. Certo dia, tive um almoço com ele, com Fernando Henrique Cardoso, Pacheco Chaves, que era um amigo-irmão de Ulysses Guimarães. E contei a ele episódios que ouvi que tinham ocorrido na Assembléia Legislativa e que tinham me causado tanta indignação, de maneira semelhante àquela que por vezes leva V. Ex^a a aqui falar, com muita assertividade e indignação, sobre problemas que ocorrem no Congresso, como os contidos em seus pronunciamentos. Mas tinha ocorrido ali uma situação, e ele me disse: – Olha, Eduardo, naquela hora, você tinha que ter subido à mesa e falado, porque, agora, “Inês é morta”, não adianta mais. Eu poderia aqui citar tantas vezes em que com ele dialoguei, mas também quando o ouvi nos extraordinários comícios das “Diretas Já”, a sua palavra me soava como uma luz de ensinamento importante. V. Ex^a registrou algo que muitas vezes ouvi do próprio Presidente Lula: – Ah! Foi um erro, deveríamos ter aceito a união com Ulysses Guimarães naquele momento das eleições de 1989. Ele próprio avaliou que tanto ele como o Partido dos Trabalhadores cometeram um erro ali. Penso que foi muito merecida a sua menção ao Sr. Oswaldo Manicardi, aqui presente, e que tantas vezes eu mesmo ouvi, ao lado de Ulysses Guimarães, e sobretudo em São Paulo, mas por todos os lugares do Brasil e aqui no Congresso. Permita-me acrescentar, na sua homenagem, que eu também fui testemunha de uma amizade muito importante que Ulysses e a sua senhora, Mora, tiveram com Severo Gomes e esposa. Os quatro se foram em um desastre há

15 anos, em 12 de outubro, no litoral paulista, entre Ubatuba e Parati. Foi até muito difícil encontrar os corpos. Encontraram os corpos de Dona Mora e de Dona Henriqueta, esposa de Severo Gomes, mas, por alguma manobra do destino, Ulysses Guimarães permaneceu no fundo do mar. Parabéns!

O Sr. Heráclito Fortes (DEM – PI) – Senador Jarbas, eu queria pedir permissão a V. Ex^a para sugerir a V. Ex^a, Sr. Presidente, que convide para compor a Mesa o Dr. Oswaldo Manicardi, representante da família Ulysses Guimarães.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Eu queria, com muita satisfação, pedindo permissão ao orador que está na tribuna, Senador Jarbas Vasconcelos, convidar para compor a Mesa, em nome dos amigos leais do Dr. Ulysses Guimarães, o Dr. Oswaldo Manicardi. (Palmas!)

Vejo aqui o Sr. Marco Aurélio, vejo aqui a Dona Marilda. É uma honra muito grande contarmos com sua presença nesta mesa.

Perdão pela interrupção, Senador Jarbas. Como depois pretendo convidar V. Ex^a para presidir a sessão, V. Ex^a que era um dos melhores amigos de Dr. Ulysses Guimarães.

O SR. JARBAS VASCONCELOS (PMDB – PE) – Quero agradecer mais uma vez a sua autenticidade, Senador Eduardo Suplicy, a sua maneira de fazer política, e o seu depoimento revela isso. V. Ex^a, que aqui tem sido um exemplo de homem público, reconhece

todas essas falhas e virtudes do processo político nacional e dá um comovido depoimento sobre a presença de Ulysses, estendendo inclusive a Severo Gomes, com muita justiça, aos familiares de Dr. Ulysses. Muito obrigado mais uma vez pelo aparte de V. Ex^a.

Enganam-se aqueles que ignoram e até menosprezam o papel da imprensa, da opinião pública que se expressa, cada vez mais, por meio das novas tecnologias, em especial da Internet. Essa pressão, Sr^{as} Senadoras, Srs. Senadores, é essencial quando vemos diversos agentes do movimento social completamente inertes, omissos, cooptados por generosas contribuições do Governo Federal por meio de recursos públicos e espaços de poder. Em tempos de cobranças de um comportamento ético na política, como nos episódios recentes pelos quais passou esta Casa, a história de Dr. Ulysses nos dá também um exemplo de que, na maioria das vezes, é preferível perder com a causa certa do que estar ao lado dos vencedores do momento.

Encerrando, Sr^{as} e Srs. Senadores, certa feita eu vi, acho que foi uma das últimas falas de Dr. Ulysses, ou se talvez depois da Constituinte, não consigo detectar o momento exato, o Dr. Ulysses cunhou uma frase que ficou muito conhecida, quando ele discorria sobre a ditadura, sobre o regime ditatorial, o regime de força, o regime de exceção, e cunhou uma frase que, naquele momento, significava muito, porque ainda estavam na memória dos brasileiros as seqüelas e as conseqüências da ditadura. O Dr. Ulysses disse: "Eu tenho nojo da ditadura". Eu apenas acrescentaria hoje: eu tenho nojo da ditadura, da mediocridade e da arrogância. Muito obrigado.

O Sr. Marconi Perillo (PSDB – GO) – Senador Jarbas, um aparte antes de V. Ex^a encerrar.

O Sr. Heráclito Fortes (DEM – PI) – Senador Jarbas, a data da promulgação da Constituição, 5 de outubro de 1988.

O SR. JARBAS VASCONCELOS (PMDB – PE) – Obrigado pelo socorro. Desculpe-me, ouço V. Ex^a, Senador Marconi Perillo.

O Sr. Marconi Perillo (PSDB – GO) – Senador Jarbas, insisto em apartear V. Ex^a, porque a minha história está intimamente ligada à história de V. Ex^a, à história do Dr. Ulysses Guimarães. Há cerca de dezesseis, dezessete anos, eu era empossado Presidente Nacional da Juventude do PMDB por suas mãos e pelas mãos do Dr. Ulysses Guimarães. Eu estava inscrito para falar representando a Liderança do PSDB, mas vejo que existem muitos oradores a minha frente. Eu pediria a paciência de V. Ex^a e dos ilustres integrantes da Mesa para, rapidamente, fazer aqui algumas considerações. Cumprimento o Presidente Renan, Presidente Paes, Presidente Michel, Dr. Oswaldo, Henrique e todos os familiares do homenageado. Gostaria de lembrar aqui alguns trechos de um discurso célebre, pelo menos para mim, feito pelo Dr. Ulysses, discurso que ele intitulou “Oração do Adeus”, feito quando ele saiu da presidência do PMDB e a transferiu a Orestes Quércia. Ele fez esse discurso na Câmara dos Deputados, e eu era um dos mais entusiasmados militantes presentes. Quero lembrar aqui alguns pequenos trechos desse discurso. O Dr. Ulysses, todos nós sabemos, foi um grande agente da

luta libertária, cobrava dela apenas o preço da própria liberdade e, sempre que podia, lembrava dos companheiros mortos no campo de batalha. Nesse dia, no discurso “Oração do Adeus”, asseverou: Os nossos mortos levantem de seus túmulos, venham aqui e agora testemunhar que os sobreviventes da invicta nação peemedebista não são uma raça de poltrões, de vendidos, de alugados e traidores. Venham todos. Venham os mortos de morte morrida, simbolizados em Juscelino Kubitscheck, Teotônio Vilela, Tancredo Neves. Venham os mortos de morte matada, encarnados no Deputado Rubem Paiva, o político; Vladimir Herzog, o comunicador; Santo Dias, o operário; Margarida Alves, a camponesa.

Em outra parte, prezadíssimo e honrado Senador Jarbas Vasconcelos, ele asseverava: “Quando as elites políticas pensam apenas na sobrevivência do poder oligárquico, colocam em risco a soberania nacional. A governabilidade está no social. A fome, a miséria, a ignorância, a doença inassistida são ingovernáveis. O Estado de Direito, consectário da igualdade, não pode conviver com o estado de miséria. Mais miserável do que os miseráveis é a sociedade que não acaba com a miséria”.

Na finalização dos trabalhos da Constituinte, ele também disse: “Ela não é a Constituição das mansões nem a dos poderosos, é uma Constituição com cheiro de povo, cor de povo, gosto de povo e cara de povo”. Pensando nesse discurso que tanto me emociona até hoje, a “Oração do Adeus”, acabei escrevendo, há quinze anos, um pronunciamento que transformei em artigo quando ainda era Deputado Estadual – já tinha saído do PMDB, mas fiz questão de homenagear Dr. Ulysses. Nesse meu discurso, caro Paes de Andrade, me

lembrava de uma passagem do Dr. Ulysses no final de sua "Oração do Adeus". Ele dizia: "Permitam que agora fale de mim. Já fiz discursos com amor e com cólera. Com cólera, não com raiva. Em política, raiva, só fingida ou combinada. Esse discurso eu escrevi com o coração e o leio com os olhos úmidos.

Na política, mais difícil do que subir é descer. É descer não carregando o fardo pobre e fétido da vergonha. Descer desmoralizado pela covardia. Não descer com as mãos esvaziadas pela preguiça e pela impostura. Não descer esverdeado pelas cólicas de inveja dos que nos emulam, nos sucedem ou nos superam. Não descer com a alma apodrecida pelo carcinoma do ressentimento. Vou livre como o vento, transparente e cantando como a fonte.

Desço. Vou para a planície, mas não vou para casa. Vou morrer fardado, não de pijama. Política se faz na rua ou com a rua. Vou para a rua, porque o governo desgoverna a rua".

Neste mesmo discurso, Senador Jarbas, batizado de "Oração do Adeus", Ulysses prestava uma homenagem àquela que durante tantos anos foi seu escudo e seu exílio, sua confessora e sua inspiração, aquela a quem o destino o uniu na eternidade. Referindo-se a dona Mora, disse: Desta tribuna mando um beijo a Mora. Beijo de amor e gratidão. Tantas vezes saí de casa, podendo não voltar. Muitos não voltaram. Não saía dividido entre a família e o ideal. Saía por inteiro. Porque nunca vi lágrimas nos olhos, nem lamúrias ou apelos de prudência nos lábios de Mora. Repetidas vezes, quando chega a prudência, desaparece a coragem.

Foi a lição final do Mestre da minha geração e do homem do meu tempo. A Ulysses, as honras não são de chefe de Estado, que são pequenas para ele, mas de chefe de um povo, que como Moisés guiou-o sem medo e sem ódio e ao perdê-lo, perde o referencial de grande parte de sua história, que seria outra, com certeza muito pior para o povo sem a participação corajosa e destemida de Ulysses Silveira Guimarães. Muito obrigado a V. Ex^a. (Palmas)

O SR. JARBAS VASCONCELOS (PMDB-PE) –
Agradeço a V. Ex^a. Senador Renato.

O Sr. Renato Casagrande (Bloco/PSB-ES) –
Sr. Senador Jarbas Vasconcelos, eu farei um aparte muito rapidamente para que eu possa prestar a minha homenagem ao Dr. Ulysses. Não tive a oportunidade de conviver com ele, não tive a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, mas tive a oportunidade de observá-lo e acompanhar o seu trabalho. No período de sua atividade mais intensa, eu estava na universidade, fazendo curso universitário em Viçosa, Minas Gerais, acompanhando, no movimento estudantil, o processo de reabertura política. Ulysses Guimarães foi o líder e o político mais resistente, mais determinado no enfrentamento à ditadura militar, na luta pela redemocratização brasileira. Se hoje nós temos a segurança de um país que caminha firme no aperfeiçoamento de suas instituições, devemos muito a Ulysses, não só a ele, mas devemos muito a ele. Ele foi o engenheiro construtor que pavimentou a estrada da redemocratização brasileira. As nossas homenagens a ele são sinceras por tudo o que fez, por sua determinação, por sua coragem. Muitos não tinham

a coragem de fazer o enfrentamento político naquele momento, ele teve a coragem de fazer o enfrentamento político e de ser uma referência – nossa crise é de referência. Temos boas referências, que são fundamentais para que possamos seguir com dignidade na vida pública, para que possamos dar exemplos. Essa homenagem serve para fortalecermos uma referência e um símbolo para o nosso País. Obrigado, Senador.

O SR. JARBAS VASCONCELOS (PMDB-PE) – Obrigado. Daí, Senador Renato Casagrande, a necessidade imperiosa de se homenagear um homem público como o Dr. Ulysses, exemplo de vida, de combatividade, de coragem, de ética e de moral num país carente de tantas coisas, sobretudo de luta pelo caminho certo, de luta para restaurar a dignidade, de luta para corrigir erros e distorções, comprometimentos de governo. O Dr. Ulysses faz falta, muita falta, sobretudo neste momento de grande mediocridade nacional.

Muito obrigado.

BIOGRAFIA RESUMIDA DE ULYSSES GUIMARÃES

Ulysses Silveira Guimarães nasceu no município de Rio Claro (SP), em 6 de outubro de 1916. Faleceu num acidente aéreo, no litoral do Rio de Janeiro, em 12 de outubro de 1992. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP, foi professor durante vários anos na Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie, onde veio a se tornar professor titular de Direito Internacional Público. Lecionou ainda Direito Constitucional na Faculdade de Direito de Bauru.

Também exerceu a advocacia, se especializando em Direito Tributário.

O primeiro mandato político de Ulysses foi obtido logo após o País retomar a democracia, após o Estado Novo, em 1946. Foi eleito deputado estadual, por São Paulo, à Constituinte de 1947, na legenda do Partido Social Democrático (PSD). Não deixou mais política. Elegeu-se deputado federal por onze mandatos consecutivos, de 1951.

Durante a breve experiência brasileira com o Parlamentarismo (1961-1962), após a renúncia do presidente Jânio Quadros, assumiu a pasta do Ministério da Indústria e Comércio no Gabinete Tancredo Neves.

Apoiou o movimento que, em 1964, deu um golpe militar e depôs o presidente João Goulart. Porém, pouco tempo depois, quando ficou claro que os militares não iriam deixar o poder, Ulysses Guimarães passou para a oposição. Com a instauração do bipartidarismo (1965),

foi um dos fundadores ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), do qual seria vice-presidente e, depois, presidente.

Em 1973, lançou sua anticandidatura simbólica à Presidência da República como forma de repúdio ao regime militar, tendo como vice o jornalista e ex-governador de Pernambuco, Barbosa Lima Sobrinho.

Na liderança do MDB e depois do PMDB, fundado após o fim do bipartidarismo (1979), Ulysses participou de todas as campanhas pelo retorno da democracia ao Brasil. Ulysses liderou a luta popular pela redemocratização, como a das eleições diretas. Neste movimento, passou a ser conhecido como o “Senhor Diretas”.

Ulysses foi presidente da Câmara dos Deputados em três períodos: entre 1956 e 1957, entre 1985 e 1986 e entre 1987 e 1988. Ele também presidiu a Assembléia Nacional Constituinte, entre 1987 e 1988. Promulgada em 5 de outubro de 1988, a nova Carta foi por Ulysses chamada de “Constituição Cidadã”, pelos avanços sociais que incorporou.

Em 1989, candidatou-se à Presidência da República, na sigla do PMDB, sem sucesso. Em 1992, participou do processo que levou ao *impeachment* do então presidente da República, Fernando Collor de Mello.

Ulysses Guimarães faleceu em acidente aéreo de helicóptero, ao largo de Angra dos Reis (RJ), em 12 de outubro de 1992, junto da esposa dona Mora, do senador Severo Gomes e esposa e do piloto da aeronave. Os restos mortais de Ulysses nunca foram encontrados.

Ulysses Guimarães publicou vários livros: “Vida Exemplar de Prudente de Moraes” (1940); “Navegar é

preciso, Viver não é preciso" (1973); "Socialização do Direito" (1978); "Esperança e Mudança" (1982); "Tentativa"(1983); "Diretas Já"(1984); "PT Saudações" (1988); "Da Fé fiz Companheira"(1989); "Ou Mudamos ou seremos Mudados" (1991); "Parlamentarismo – Além de ser mais forte, substitui um regime fraco"(1992).

TRABALHOS PUBLICADOS

- Um Análise da Economia Canavieira de Pernambuco (1972)
- Liberdade e Desenvolvimento (1973)
- O Papel da Oposição (1978)
- Constituinte Já! A Solução da Crise (1978)
- Pernambuco: Descaso e Miséria (1983)
- Denúncias Contra o Governo e o Regime (1984)
- A Oposição Exercida Como Direito (2007)
- Democracia e Estado de Direito (2007)
- O Apagão do Governo Lula (2007)
- CPMF: Um imposto anacrônico (2007)

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

Senador Jarbas Vasconcelos
Senado Federal
Ala Senador Dinarte Mariz, Gab. 4
70165-900 – Brasília/DF
Telefone: (61) 3311-1284
Fax: (61) 3311-1977
e-mail: jarbas.vasconcelos@senador.gov.br